

FORÇAS ARMADAS DESTROEM BASE INIMIGA

Unidades das Forças Armadas de Moçambique concluíram no passado dia 7 a operação que levou à destruição da principal base inimiga, em território nacional, da chamada «Resistência Nacional Moçambicana», movimento financiado e armado pela África do Sul. A base situava-se nas montanhas de Garagua, a cerca de 80 quilómetros a Oeste da sede do Distrito de Machaze, na Província de Manica.

Nesta operação militar, foram capturadas importantes quantidades de armamento e de documentos. Sabe-se que, nos combates, os bandidos sofreram pesadas baixas. No próprio terreno, foram deixados seis corpos, enquanto, por toda a zona, podiam ver-se numerosas sepulturas, cuja terra havia sido remexida recentemente.

As nossas forças, que apenas sofreram dois feridos ligeiros, capturaram vários elementos ligados ao inimigo. Entre o armamento capturado, há centenas de armas ligeiras, nomeadamente espingardas-metralhadoras, metralhadoras pesadas e espingardas de repetição.

No local da base, a cerca de três quilómetros da linha de transporte de energia eléctrica de Cahora-Bassa, as unidades das Forças Armadas de Moçambique encontraram muitos tambores de 200 litros de combustível para helicóptero, rádios-transmissores fixos e portáteis, uma moto-bomba, um motor de moagem, medicamentos e grandes quantidades de munições para armas ligeiras, morteiros e canhões. Também foram encontradas caixas com granadas de mão ofensivas, defensivas e de fumo e roquetes de bazuca.

Segundo informações obtidas no local, as Forças Armadas de Moçambique utilizaram, desde o passado dia 6 do corrente, data do início da progressão em direcção à base, efectivos da aviação, artilharia ligeira e pesada, infantaria motorizada e companhias de comandos para fazer o assalto a esta posição, estrategicamente considerada a mais importante deste grupo fantoche possuía no interior do nosso país.

UMA IMPORTANTE VITÓRIA

Pela documentação capturada, sabe-se que se tratava da «base central» do grupo que se intitula «Resistência Nacional Moçambicana».

Esta base, como a Informação nacional já noticiou, encontrava-se situada nas montanhas, numa zona de acesso extremamente difícil, disposta em círculo, com uns dois quilómetros de diâmetro e contendo várias infra-estruturas, como a zona habitacional, posto de socorros e enfermaria.

A esta base iam por vezes os cabecilhas do grupo, que coordenavam as acções e transmitiam as ordens aos núcleos que, na região central do País, executam acções de sabotagem, realizam assaltos e espalham o terror. Foi esta a base de apoio das acções criminosas, que se inscreveram na estratégia sul-africana de desestabilização do nosso País e de sabotagem da SADCC, o projecto de cooperação regional dos países independentes da África Austral.

Esta base prestou apoio às acções de sabotagem na linha de transporte de energia de Cahora-Bassa, nas pontes sobre o rio Púnguè, nas linhas férreas e pipeline, acções com as quais se viria a coordenar o grupo de «especialistas» que atentou contra a as bóias de balizagem do canal de acesso ao Porto da Beira.

ENVOLVIMENTO SUL-AFRICANO

Entre a documentação apreendida na base, foram encontrados dois passaportes sul-africanos, pertencentes a um mesmo titular, um passaporte português e outro malawiano. Na referida base, havia uma parte reservada aos chamados «especialistas», indivíduos pertencentes ao exército ou aos serviços secretos sul-africanos. Estes elementos eram transportados de e para a África do Sul por via aérea.

Também foram encontrados diversos relatórios da actividade dos cabecilhas do grupo, nomeadamente sobre encontros com militares sul-africanos e viagens à Europa Ocidental, em

particular a Portugal, República Federal da Alemanha e França.

Nos relatórios sobre os encontros com oficiais do regime de Pretória, destaca-se aquele a que se refere às conversações mantidas com o Coronel Van Nierkerk, realizado em 25 de Outubro de 1980, em Zoabstad.

Neste relatório, o coronel sul-africano referiu-se a aspectos de disciplina e de combatividade dos elementos da chamada «Resistência Nacional Moçambicana». Disse que esses «soldados» deveriam ser mais disciplinados e apurados, com o uso de fardamento e de botas engraxadas.

Por outro lado, transmitiu o plano de acções militares traçado pelo regime sul-africano para ser cumprido até Dezembro de 1981, o qual incluía acções de sabotagem às principais estradas do Centro do País, ao pipeline Beira-Feruka e às linhas férreas que ligam os portos moçambicanos ao Zimbábue.

NOVAS ORDENS DE PRETÓRIA

Foram estabelecidas outras acções, como por exemplo a preparação de condições para a realização de distúrbios em Maputo e na Beira. Para que estas operações fossem garantidas, o Coronel Van Nierkerk assegurou à dita «RNM» apoio logístico, nomeadamente o fornecimento de armas, munições e aparelhos de transmissão.

Segundo o documento, o Coronel Van Nierkerk informou que, devido ao elevado custo que representava o reabastecimento aéreo, havia sido decidido que ele passaria a ser marítimo, através do Oceano Índico. Esta informação parece corresponder ao facto de na região de Ampara, na Província de Sofala, por várias vezes, a população ter detectado este ano a presença de submarinos, descarregando material de guerra.



Várias unidades de infantaria das Forças Armadas de Moçambique, que ocuparam na passada segunda-feira, dia 7, a principal base da autodenominada «Resistência Nacional Moçambicana», localizada em Garagua, Província de Manica, prosseguem as suas acções em perseguição dos bandidos daquela organização fantoche, financiada e armada pela África do Sul.

Dal que as acções de sabotagem mais recentes de maior envergadura tenham ocorrido mais nas zonas dos litoral e não tanto no interior do País, como anteriormente.

O documento prossegue dizendo que aquele oficial do exército sul-africano afirmou que a utilização do reabastecimento aéreo implicava a não recuperação de pára-quedas, cujo preço unitário era de 500 rands, ou seja cerca de 22 contos, pelo que era mais económico o reabastecimento por mar.

O Coronel Van Nierkerk chamou a atenção para haver mais cuidado nas transmissões de rádio e disse que era necessário fazer chegar o mais rapidamente possível à África do Sul todas as informações sobre as operações de sabotagem no interior de Moçambique, para divulgação nos órgãos de Informação não só sul-africanos, como de outros países.

Além disso, no encontro foi decidida a criação de grupos de mulheres, sob a designação «DF», para «entreter os soldados», a fim de estes não terem contacto com a população.

CONTACTOS NA EUROPA OCIDENTAL

Sobre as viagens à Europa Ocidental, destaca-se a actividade exercida em Portugal, junto de homens de negócios que tiveram, no tempo colonial, interesses em Moçambique, como é o caso dos proprietários da «Lusalite».

Esses encontros, realizados em Lisboa, Cascais e Porto foram com indivíduos que são descritos como portugueses «amantes da paz e do progresso de Moçambique», como «moçambicanos exilados» em Portugal e como expoentes da Igreja Católica portuguesa.

De salientar o encontro descrito como tendo ocorrido no dia 21 de No-

vembro de 1980 com o Arcebispo Primaz de Braga, Eurico Dias Nogueira, e com o cônego Eduardo de Melo. Recorde-se que Eurico Dias Nogueira foi durante vários anos, no tempo colonial, Bispo de Vila Cabral, tendo posteriormente sido colocado, até 1975, numa diocese do centro de Angola. Eurico Dias Nogueira pertence aos círculos ultra-conservadores da Igreja Católica portuguesa.

Ao cônego Eurico de Melo, um dos cabecilhas dos bandidos, pediu que obtivesse uma audiência com o Papa João Paulo II. O cônego disse que era difícil obter essa audiência, mas prometeu fazer chegar ao Vaticano um relatório sobre a actividade da dita «Resistência» e da «repressão movida pelo regime machelista contra a Igreja Católica».

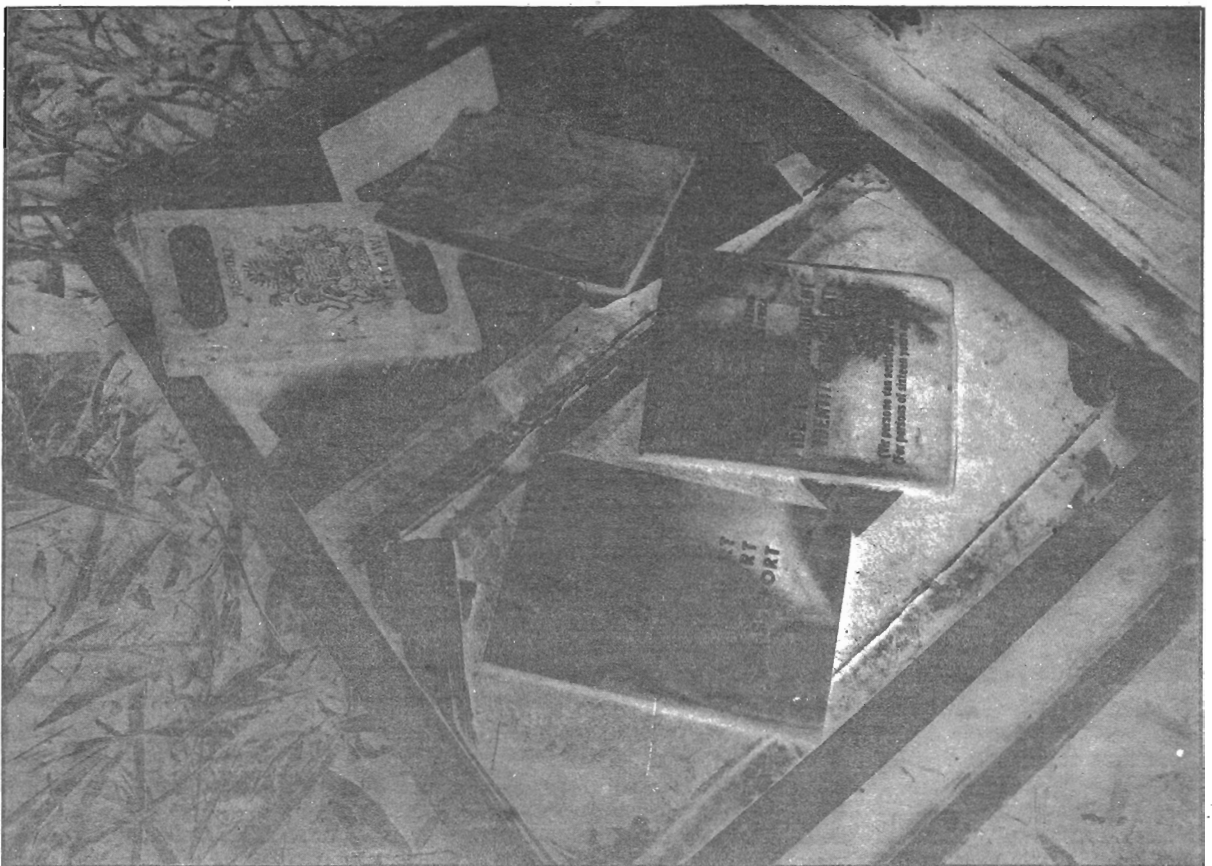
O cônego Eurico de Melo prometeu ofertas em livros e a obtenção de bolsas de estudo, enquanto os chefes do chamado «RNM» pediam que o cônego enviasse padres para «espalharem a palavra de Deus» nas zonas em que este grupo actuava. Também foi feita a promessa de «formar quadros» para o movimento, nomeadamente catequistas.

No encontro, segundo o documento, foi indicado que toda a ajuda do Arcebispado de Braga deveria ser confiada a um tal Evo Fernandes, apresentado no relatório como representante na Europa Ocidental, com base em Cascais, Portugal.

UM PIDE COMO REPRESENTANTE

Evo Fernandes, antigo elemento da PIDE actuando principalmente no círculo universitário da capital portuguesa, sobretudo nos meios afectos aos estudantes vindos das ex-colónias, é pessoa intimamente ligada, há vários anos, a Jorge Jardim, conhecido terrorista internacional, que no

No assalto à base de Garagua, foram capturados importantes documentos da dita «Resistência Nacional Moçambicana», nomeadamente relatórios sobre a actividade dos principais cabecilhas nos seus contactos com a África do Sul racista e na Europa Ocidental. Foram capturados, ainda, passaportes sul-africanos, português e malawiano



NAMES	DE	RECRUITS	IN	1ª COMPANHIA
1. Jorge	Dola	Francisco	Rosman	
2. Zeid	Fregue	Pedrito	Manuel	
3. Almarica	Saimoni	Peter	P. Matacapa	
4. Somba	Muredzere	Vashi	Mapochi	
5. Domingo	Pedro	Peter	Tradi	
6. Cuona	Langtoni	Sileneo	Mapochi	
7. Ernesto	Brandi	Dania	Castimba	
8. Fernando	Amerca	Migrozi	Albazeina	
9. Naby	Tarera	Nolani	Tenisi	
10. Ernesto	Simonyi	Peter	Mushimica	
11. Castori	Brashe	Ania	Langisi	
12. Rikoni	Azeli	Maimale	Silibe	
13. Almarico	Sabanete	José	Mugenda	
14. Bichani	Almose	Pedro	Fluphe	
15. Jhal	Famula	Tembo	Luis	
16. Jali	Albino	Ouri	Brandi	
17. Nyacheche	Ruini	Tradi	Faindi	
18. Biazoru	Simonyi	José	Mufundisi	
19. Rikoni	Famula	Jaine	Hobotani	
20. Valas	Jambo	Tomas	Vello	
21. Batista	Fazenda	Ticha	Mafurauzi	
22. Jhal	Rezhi	Charles	Charles	
23. Jhal	Sipa nhota	Amos	Alvezhi	
24. Jhal	Saimoni	Peter	Carera	
25. Jhal	Mafamile	José	Parafino	
26. Jhal	Mafamile	José	Migrozi	
27. Jhal	Ngowera	Famula	Castimba	
28. Jhal	Migrozi	Maimale	Tradi	
29. Jhal	Migrozi	Maimale	Tradi	
30. Jhal	Migrozi	Maimale	Tradi	

Esta é uma das listas dos «recrutas» para a 1ª Companhia, notando-se que é utilizada a língua inglesa para a designação do assunto. Certos elementos da população dizem que o recrutamento é feito à força, sobretudo entre os adolescentes.



O Major-General Tomé Eduardo (à direita), Comandante das Tropas de Guarda Fronteira, esteve em Garagua, onde se reuniu com os comandantes das várias unidades, para analisar questões relacionadas com a operação, tendo transmitido aos oficiais, sargentos e soldados, as saudações do Presidente Samora Machel por esta vitória. Na imagem, vê-se o Major-general Tomé Eduardo inspecionando o local, acompanhado do Major Fernando Parafino Cachão.

tempo colonial foi administrador-delegado da «SONAP» e da «Lusalite», entre outras funções.

Evo Fernandes, de origem indiana, é natural da Beira, onde fez os seus estudos primários e secundários, formando-se em Direito pela Universidade de Lisboa. Em Portugal, após ter fugido de Moçambique, trabalhou para a «Editora Bertrand», propriedade do capitalista Bullosa, que era o principal accionista da «SONAP/SONAREP» e, também, ligado no passado a Jorge Jardim.

Notícias divulgadas por fontes oficiais sul-africanas dizem que Evo Fernandes é porta-voz do grupo fantoche na Europa Ocidental. Evo Fernandes, de Outubro de 1973 a Maio de 1974 foi subdirector do jornal «Notícias da Beira», que se editava na capital de Sofala, sob controlo de Jorge Jardim, ascendendo às funções de director nessa altura, até Junho, momento em que a Administração Jardim foi expulsa pelos trabalhadores do referido jornal.

NA RFA

É EM FRANÇA...

No nosso relatório, fala-se da actividade desenvolvida na RFA, junto principalmente aos círculos cristãos-democratas, em especial destaque para os localizados na Cidade de Frankfurt. No dia 26 de Novembro de 1980, um dos chefes do grupo-partido de Frankfurt para Paris, para no dia seguinte ser recebido por um conselheiro do ex-Presidente Valéry Giscard d'Estaing, cujo nome não foi mencionado.

O conselheiro de Giscard disse que o Governo francês apenas poderia fornecer bolsas de estudo. Disse ainda que esse governo não pretendia prejudicar as suas relações com o legítimo Governo moçambicano, devido ao nível da cooperação económica existente entre os dois países. Aconselhou este crubeirão a aguardar por Março ou Abril de 1981, depois das redacções das eleições francesas, nas quais Giscard acabaria por ser batido pelo socialista François Mitterrand.



Uma quantidade elevada de tambores de 200 litros com combustível para helicópteros foi capturada no assalto à base de Garagua, no Distrito de Machaze.



Uma importante quantidade de material de guerra foi capturada pelas Unidades das Forças Armadas de Moçambique no assalto à base de Garagua. Na imagem, soldados moçambicanos apreciando parte das armas capturadas às forças inimigas. Muitas armas e documentos foram encontrados escondidos nas latrinas, entre as fezes e urinas, ali colocados antes da fuga em debandada.

editorial

Estavam em Garagua, na base que as Forças Armadas de Moçambique ocuparam há dias. Provam-no passaportes abandonados na precipitação da fuga.

Estiveram nas Seychelles. Alguns lá ficaram presos ou mortos.

Estiveram na linha férrea Beira - Zimbábue onde morreram quando pretendiam sabotar a linha.

Estão no sul de Angola onde ocupam território, matam, saqueiam e bombardeiam indiscriminadamente a população civil.

Têm estado, frequentemente, nas agressões reaccionárias contra o Sul da Zâmbia.

Estão na Namíbia, oprimindo e explorando o seu povo, sabotando todos os esforços desenvolvidos para conduzir o país à independência.

Estiveram na Matola e na Ponta da Ouro, onde os cadáveres pintados ficaram a atestar a sua passagem.

Estiveram em Luanda. O corpo queimado de um deles ficou junto dos depósitos de gasolina sabotados.

Estão, dentro do próprio território sul-africano, na opressão mais feroz e desumana que o nosso continente já conheceu.

Estiveram na fronteira com o Lesoto, bombardeando o território desse país soberano escondidos sob a máscara de um pretendido movimento oposicionista.

Estão nos Transkeis, Ciskeis e outros bantustões de onde nunca saíram nem podem vir a sair.

Pegados no serviço de recrutamento, bandidos que não respeitam fronteiras, direitos ou qualquer espécie de moral, os soldados terroristas e mercenários da África do Sul não têm, claramente e sem máscaras, os inimigos da África independente.

No seu completo fanatismo que usam todas as armas. Os canhões como a planificação, as armas como o ensino, as bazucas como as relações, as espingardas contra o novo sistema de desenvolvimento.

É o nosso exemplo de desenvolvimento planificado, de criação de bem-estar, de educação para todos que dá o golpe de misericórdia nos grupos de bandidos e nos seus patrões sul-africanos.

É essa vitória, que se prepara, essa vitória, que se organiza, que o Comité Central do Partido fez avançar mais alguns passos ao aprovar os projectos do Plano Estatal Central de 1982 e do Sistema Nacional de Educação.